



PROBLEMATOLOGIA, CONTINGÊNCIA E ALTERIDADE NA RETÓRICA DAS PAIXÕES DE ARISTÓTELES

Francisco Benedito LEITE¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo expor e discutir a *Retórica das Paixões* de Aristóteles, a partir do pensamento do filósofo belga Michel Meyer, sobretudo, por meio de seu célebre conceito de problematologia. De acordo com sua compreensão, propõe-se que o texto clássico *Retórica das Paixões* de Aristóteles seja lido e refletido à luz das contemporâneas Teorias da Argumentação, relacionadas com a Nova Retórica Perelmaniana, que influenciou diretamente Meyer, de modo que assim se possa restituir às paixões, o espaço e a dignidade entre os estudos de Retórica e Argumentação, o que lhes foi retirado em outros momentos da história.

PALAVRAS-CHAVE: Problematologia. Retórica. Paixões. Michel Meyer.

PROBLEMATOLOGY, CONTINGENCY AND ALTERITY IN THE RHETORIC OF THE PASSIONS OF ARISTOTLE

ABSTRACT: This paper aims to present and discuss the Rhetoric of the Passions of Aristotle from the thought of the Belgian philosopher Michel Meyer, especially through his famous concept of problematology. According to his understanding, it is proposed that the classic text of Aristotle's Rhetoric of Passions be read and reflected the light of contemporary theories of Argumentation in connection with the Perelman's New Rhetoric, which directly influenced Meyer; so you can return the space and dignity of passions among studies of rhetoric and argumentation, which have been withdrawn in other moments in the history.

KEYWORDS: Problematology. Rhetoric. Passions. Michel Meyer.

1 Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor da Faculdade de Teologia (FATEO) - Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e da Faculdade Messiânica (Fundação Mokiti Okada). Endereço eletrônico: <ethnosfran@hotmail.com>.

INTRODUÇÃO

Para apresentar e discutir o lugar das paixões nos estudos do discurso, partimos do texto escrito por Michel Meyer que está no prefácio da publicação brasileira da *Retórica das Paixões* de Aristóteles (2000). Apenas para nos situarmos, vale a pena lembrar que a referida obra é uma edição bilíngue dos capítulos 1 a 11 do livro II da *Retórica* (2012). Meyer está entre os maiores representantes da retórica de tradição aristotélica do mundo contemporâneo. Fundou o Centro Europeu de Estudo da Argumentação em 1985. Embora possua autonomia e originalidade em sua filosofia, insere-se na continuidade da reflexão de Chaïm Perelman, do qual também herdou a cátedra da Universidade de Bruxelas. Escritor profícuo e de formação multidisciplinar (bacharel em economia, mestre em artes, bacharel e doutor em filosofia) não se restringe a escrever apenas sobre retórica, o que se atesta por suas publicações de obras notáveis que se inserem em outras áreas da filosofia².

Perelman, seu predecessor intelectual, é tido como o responsável pelo renascimento da retórica de Aristóteles, após seguidos séculos em que foi valorizado do filósofo estagirita apenas o seu modo analítico de raciocinar, enquanto se ignoravam outros aspectos de sua proposta filosófica (COELHO, 2005, p. XIV). Pelo *Tratado da Argumentação*, Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca apresentaram a Retórica como “técnica de persuasão”. Nesse sentido vemos: “Vê-se, assim que a meta da arte oratória – a adesão dos espíritos – é igual à de qualquer argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 6).

Meyer (2007a, p. 20) compreende que “técnica de persuasão” é a definição mais elementar da Retórica para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Plantin (2008, p. 45s) concorda com essa definição e acrescenta que é por esse motivo que tem lugar central a

2 Cf. Meyer, 2000a, por exemplo.

exposição dos entimemas (silogismo incompleto), dos *tópoi* (esquemas, tipos de argumento) e das tipologias (inventário de silogismos e esquemas), que são técnicas que visam à adesão dos espíritos.

A definição de Meyer, no entanto, centraliza-se em outro aspecto: “(...) *a retórica é a negociação da distância entre os sujeitos*. Esta negociação acontece pela linguagem (ou, de modo mais genérico, através da – ou de uma – linguagem), pouco importa se é racional ou emotiva.” (2007a, pp. 26-27, grifo nosso).

Entender do que se trata a referida “distância entre os sujeitos” é imprescindível para que cheguemos à definição de *páthos* (termo grego que, entre outras possibilidades, pode ser traduzido por “paixão”), conforme Meyer propõe no prefácio da *Retórica das Paixões*, visto que, de acordo com o que acabamos de ler, a “distância entre os sujeitos” pode ser negociada por meio de uma “linguagem *emotiva*”. Desse modo, negociar a distância pela linguagem emotiva parece ser a melhor maneira de compreendermos o modo como Meyer conceitua as paixões na retórica – ou melhor, a “retórica das paixões”.

No entanto “negociar a distância” – na verdade, a própria referência à distância entre os interlocutores – é parte da construção filosófica mais importante desenvolvida por Meyer, a *Problematologia* (1991), que também é título de sua obra principal. Assim, podemos notar que ao prefaciá-la *Retórica das Paixões*, o autor encontra oportunidade de expor sua teoria em vez de expor as paixões da maneira mais convencional, como o faria um professor de retórica antiga. Em vez de doxografia, Meyer oferece uma abordagem original do tema. Seu objetivo parte da demonstração da maneira como os filósofos de Atenas, e mesmo os sofistas, refletiram sobre a distância entre os sujeitos e o objeto de seu discurso ou, poderíamos dizer, sobre o problema implícito na comunicação.

Dada a importância de tal conceito, dediquemo-nos a expor a problematologia e a sua relevância para as paixões na retórica aristotélica, uma vez que Meyer (2000b, p. XL) afirma que a paixão é o que no mais profundo de nosso ser exprime o problemático.

PROBLEMATOLOGIA

A Retórica trata de causas ou teses a serem defendidas; de fato, todas essas causas e teses possuem questões que as precedem, as afirmações só passam a existir em consequência de dúvidas, de problemas existentes na compreensão de um discurso, pois não há necessidade de se afirmar aquilo que é óbvio, sabido por todos e unanimemente compartilhado. Assim, a Retórica tem importância destacada em temas polêmicos; em temas que são amplamente aceitos, há menor relevância para ela.

A afirmação não só surge da dúvida, como também gera dúvida, porque tudo o que é dito possibilita que pensemos no seu contrário. Por exemplo, a frase “a mulher é bonita”, só tem sentido de ser pronunciada mediante a possibilidade de que a mulher não seja bonita: a possibilidade da negação só existe mediante a afirmação; na verdade, é gerada por sua causa.

Desse modo, é dado um problema que precede a afirmação sobre a mulher, um questionamento que, por um lado, é uma resposta, mas, por outro lado, exige resposta, a qual não é exata como nas ciências da natureza, mas depende do raciocínio. É justamente esse o campo em que a Retórica atua, o lugar em que só se pode alcançar respostas plausíveis intermediadas pela argumentação. Com base em nosso exemplo, teríamos que argumentar para justificar o que nos leva a afirmar que a mulher é bonita.

Assim, a argumentação deve ser empregada para superar o problema que fora dado, que também pode ser compreendido como a existência da distância entre os interlocutores. No caso, essa distância é tudo aquilo que opõe os homens, tendo em vista que há um

problema a ser resolvido entre eles. Ainda que seja a indiferença ou o silêncio, não existe como não responder ao problema dado.

De acordo com esses elementos, podemos dizer que a Retórica é um jogo de pergunta e resposta, no qual a resposta é mais importante do que a dúvida. Busca-se ocultar, obscurecer a pergunta e expor, aclarar a resposta, pois apenas desse modo é possível superar o problema, só assim se consegue persuadir. Se, em vez disso, o problema também for dado, assim como outras possibilidades de resposta, o que acontecerá é que o problema crescerá ainda mais e conseqüentemente aumentará a distância entre os interlocutores, e a persuasão será ineficaz.

Ocultar a pergunta não significa excluí-la, como se não houvesse questionamento nenhum que precede a resposta dada. Isso seria uma prática mal intencionada, característica dos regimes autoritários que tentam levar seu interlocutor a acreditar que a resposta dada é a única verdade possível, como se fosse a “verdade” (gr. *alētheia*) em si mesma, princípio que dispensa qualquer motivação anterior. Ignorar a problematologia desse modo é característico da chamada “retórica negra”³ (MEYER, 2007a, p. 47), forma de argumentar que levou a retórica à falência, culminada no século XVIII, a qual pode ser verificada nos enormes manuais da época, cujo objetivo reduzia a retórica à figura, como testemunha Perelman na introdução de sua obra *Império Retórico* (1997, pp. 9-18), mesmo motivo pelo qual Genette (1975, pp. 129-146) se lamenta enquanto espera o desenvolvimento de novas retóricas na época em que refletia sobre esse assunto.

3 Michel Meyer opõe a “retórica branca” à “retórica negra”, entendendo que a primeira tem valor positivo enquanto a segunda tem valor negativo. Apesar de termos consciência de que a utilização dos termos “branco” e “negro”, com os significados respectivamente de “positivo” e “negativo”, pode ser ofensiva para os afrodescendentes e simpatizantes das lutas contra a opressão vivida por eles, aqui, no presente artigo, reproduzimos a linguagem utilizada pelo autor europeu que aparentemente não estava consciente disso e, de nossa parte, pedimos, antemão, desculpas a qualquer um que se sinta ofendido.

Apenas para diferenciar a proposta de Meyer de outras propostas que a antecederam, vale a pena lembrar um artigo que se tornou clássico, escrito na década de 1970, por Genette, em que se afirma que a antiga disciplina chamada Retórica “viu reduzir-se gradativamente o campo de sua competência, ou ao menos de sua ação” (1975, p. 129), pois enquanto na *Retórica* de Aristóteles a teoria das figuras não merecia menção particular, a não ser algumas páginas sobre a comparação e a metáfora, no mundo contemporâneo de Genette, conforme ele mesmo afirma, foi intitulada de *Retórica Geral* uma obra que não passava de um tratado de figuras (1974) e, portanto, a retórica estava restrita à tropologia. O teórico também afirma que a história da Retórica é a história de uma restrição generalizada desde Tácito, no século II, até Dumarsais, no século XVIII. Além de a retórica ter se reduzido à figura, a própria definição de figura depois da Idade Média também foi reduzida, como podemos ver em outro texto de Genette (1972, p. 201): “A figura é um desvio em relação ao uso, entretanto esse desvio está em uso: nisso está o paradoxo da Retórica”.

Não é nesse sentido que Meyer escreve sobre “ocultar a pergunta”, não há intenção de reduzir a Retórica a floreio de linguagem; na verdade, seu trabalho foi realizado como reação a essa antiga concepção. “Ocultar a pergunta”, no sentido proposto pelo filósofo da Problematologia, quer dizer que se deve chegar a uma conclusão que exclua seu contrário tanto quanto for possível, mas, de qualquer forma, a conclusão a que se chega por meio do argumento não deixa de ser problemática, porque assumidamente é a resposta a um problema, não é *alētheia*, não é uma proposição que está acima da discussão, pois seu propósito é ser razoável e plausível na falta de uma proposição necessariamente lógica. Esta é a chamada “retórica branca”⁴ (MEYER, 2007b, p. 47), podemos dizer que esta é a verdadeira Retórica, sinônimo de raciocinar e, em suma, é a filosofia propriamente dita.

4 Ver nota 3.

Então, se “a Retórica é o encontro dos homens e da linguagem na exposição de suas diferenças e de sua identidade” (Ibid., p. 26) e, mediante esse motivo, “a verdadeira retórica é a filosofia” (Ibid., p. 18), esse deve ser o motivo que levou Meyer a apresentar a problematidade desde a Grécia Antiga antes de entrar no assunto próprio das paixões. O *Weltanschauung* (al. filosofia de vida, cosmovisão, mundividência, ideologia) dos gregos passa a ser apoderado pela problematidade, caracterizada pela “contingência do devir”, pela “pluralidade das opiniões” e pelo “universo sensível das informações incertas”.

Os sofistas se aproveitaram da oportunidade recentemente obtida pela abertura do pensamento para promover presunçosas opiniões sem se constrangerem, de tal forma que, quando assim desejavam, defendiam também a opinião contrária, enquanto Sócrates, por sua vez, utilizava a problematidade justamente contra os sofistas, demonstrando que as respostas dadas por eles não esgotavam o questionamento proposto. Sua oposição não se dirigia apenas contra os sofistas, mas contra todos os que achavam que podiam concluir o problema, dando-lhe resposta de acordo com seu próprio interesse. Sócrates demonstra a permanência do problema por meio da prova do questionamento; no fim, sempre se demonstra que as respostas dadas são apenas aparentes.

É importante lembrar que “Sócrates sabe que não sabe nada”, o que significa que ele próprio não tem interesse em chegar a conclusões precisas, pois sabe que qualquer que seja a resposta obtida, o conteúdo sempre e necessariamente permanecerá marcado pela problematidade; por isso, em seu procedimento, nada se pressupõe quanto ao elemento que é alvo de questionamento; por outro lado, isso também significa que nenhuma resposta é excluída *a priori*.

Diferentemente de seu mestre, Platão acredita que existe a possibilidade de estabelecer condições para se responder ao questionamento para que assim seja criado o *lógos* racional. No entanto, determinar a maneira que o questionamento deve ser realizado

significa que ele não pode ser respondido, pois o desvio necessário que questiona sobre a essência antes de responder sobre a primeira questão proposta já demonstra a permanência da problematidade.

Para Platão, a resposta verdadeira, o *lógos* racional, é alcançável por meio do raciocínio que busca as essências, que remetem ao mundo inteligível. Qualquer resposta que não seja alcançada por esse meio não é *lógos*, porque não é apodítica (demonstrável); pelo contrário é *dóxa* (opinião). Nesse ponto, a Retórica é colocada em xeque, pois a *dóxa* é opinião a partir da sensibilidade, suscetível de ser desmentida. É dessa forma que coloca as paixões em contraposição ao saber racional. Daí surge uma visão depreciativa da Retórica, uma vez que se depreendeu que o seu critério era apenas a ação da linguagem sobre as paixões e emoções, não atribuindo papel nenhum à busca pela verdade envolvida no processo.

Após a severa crítica de Platão, que podemos observar sobretudo pela leitura de *Górgias* (2011), seu sucessor na Academia de Atenas, Aristóteles assumiu a tarefa de restituir à Retórica a função de convencer a respeito da verdade por meio da linguagem racional e emotiva (acrescentaria também a linguagem do caráter) – apesar de, nesse sentido, a verdade não deixar de ser problemática. Para tanto, Aristóteles assume que a Retórica é uma herança dos sofistas: “ela [a Retórica] é semelhante por um lado à dialética, e por outro lado aos discursos sofísticos” (ARISTÓTELES, 2012, p. 25); além disso, a consequência é que com base nesses argumentos pode-se restaurar o lugar das paixões, que haviam sido o maior alvo de crítica dentre as levantadas por Platão.

AS PAIXÕES NA RETÓRICA DE ARISTÓTELES

Aristóteles afirma que existem três espécies de provas de persuasão fornecidas pelo discurso: “umas residem no caráter [*éthos*] do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte (*páthos*); e outras, no próprio discurso [*lógos*], pelo que este demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2012, p. 13).

Assim está dada a clássica tríade *éthos*, *páthos* e *lógos*:

Persuade-se pelo caráter [*éthos*] quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé” (...) “Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção [*páthos*] por meio do discurso” (...) “Persuadimos, enfim, pelo discurso [*lógos*], quando mostramos a verdade ou o que *parece* a verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular. (ARISTÓTELES, 2012, pp. 13-14, grifos nossos)

Como já afirmamos, a maior dificuldade enfrentada por Aristóteles seria manter o *páthos* (emoção, paixão) entre as provas persuasivas sem que com isso a retórica perdesse seu fundamento filosófico ancorado na busca pela verdade (ou por aquilo que parece verdade, conforme ele mesmo afirmou), pois Platão entende que as paixões sejam a forma mais rudimentar de conhecimento, característica dos homens que não fazem uso do raciocínio. O saber sensível, estagnado nas aparências do mundo das sensações é oposto ao raciocínio lógico, do qual se efetua a busca apenas através do mundo das ideias.

Meyer nos explica como Aristóteles alcançou êxito em seu projeto de restaurar o lugar das paixões dentre as provas de persuasão validadas pela filosofia. O estagirita teve que estabelecer uma relação indissociável entre *páthos* e *éthos*, de modo que o sentimento fosse conduzido pelo caráter, pela dignidade do orador expresso no discurso. Para Aristóteles “o

páthos tornou-se assim paixão, expressão da natureza humana, da liberdade, comprometido com a ética, portanto com a ação que transforma a paixão, de preferência, em virtude” (MEYER, 2000b, p. XXXV).

É desse modo que sucede o efeito referido por Mosca:

Meyer analisa a estrutura retórica das paixões, articulando o *éthos* do orador (a imagem que ele projeta e constrói de si mesmo no discurso), o *páthos* do ouvinte (a sensibilidade e emoção do outro), recolocando-os dentro do próprio *lógos* (o saber discursivo). (MOSCA, 2007, p. 11)

A indissolubilidade entre as três provas de persuasão presentes no discurso, conforme estabeleceu Aristóteles, não levaria o *páthos* a ser um elemento secundário, a possuir uma função inferior aos outros dois; de modo algum, a tríade se mantém simétrica, apesar da função e importância de cada um individualmente constituído.

Na maneira de conceituar de Meyer, o *páthos* recebe três caracterizações fundamentais: problematidade, alteridade e contingência. Quanto à problematidade, já esboçamos acima que o filósofo belga quer expressar a distância existente entre os interlocutores, a qual se fundamenta pelo questionamento que antecede ao discurso (*lógos*). Assim, o *páthos* deve ser usado como ferramenta que coloca o auditório em condições de ser persuadido, para que assim seja diminuída a distância existente e seja dada uma resposta (ainda que provisória) ao questionamento sublimado: “As paixões servem para classificar os homens e descobrir se o que sentem é necessário para que quem quer convencê-los aja sobre eles. Há tantas paixões quanto auditórios, talvez mesmo julgamentos, com seus lugares-comuns, seus *topoi*” (MEYER, 2000b, p. XXXVIII).

Observemos que a paixão também é alteridade, como demonstra a própria problematidade, pois é evidente que se há um problema, uma questão, tal efeito só existe

mediante o contato com o outro, de modo que a paixão visa estabelecer esse contato entre diferentes:

A paixão é alternativa, sede da ordem do que é primeiro para nós, dissociada dessa ordem daquilo que é em si e irreduzível a este. Ela é, por isso mesmo, o lugar do Outro, da possibilidade diferente do que somos afinal; o individual por oposição ao universal indiferenciado. A paixão é, portanto, a relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro. A paixão é a própria alteridade, a alternativa que não se fará passar por tal, a relação humana que põe em dificuldade o homem e, eventualmente, o oporá a si mesmo. Compreende-se, nessas condições, que a paixão remete às soluções opostas, aos conflitos, à diferença entre os homens. A oponibilidade que une e desune os homens é precisamente o passional, a contingência que os libera ao mesmo tempo que pode entregá-los ao que a destrói e ao que os subjuga. (MEYER, 2000b, p. XXXV)

Acrescentemos ainda que para “Aristóteles, a paixão é a expressão da contingência” (MEYER, 2000b, p. XXXVII). Nesse sentido, contingência refere-se ao que é possível, mas incerto. Fazer do contingente a expressão da filosofia é justamente o oposto da concepção de Platão, para quem as ideias estão fundamentadas em realidade superior, da qual a realidade presente é mera caricatura; por isso não podia incluir as paixões em seu esquema, pois desse modo teria de aceitar o subjetivo, o sensorial, como expressão da verdade.

Desse modo, a contingência expressa pela paixão é o que mantém vivo o *páthos* para a filosofia, pois se não fosse assim, todo o subjetivismo e toda a arbitrariedade estariam definitivamente excluídos do saber racional, como meras expressões da individualidade que em si não tem condição de se alçar à lógica racional do mundo das ideias:

A paixão, por ser contingente, exprime a diferença no sujeito. Isso equivale a assimilá-la ao que no homem, em *todo* homem, exprime sua individualidade. Mas, ao mesmo tempo, ela conduz ao exclusivo, à rejeição, à rejeição sempre possível da humanidade do homem, substancialidade da substância

humana. Daí a teoria do meio-termo à qual, na história da ética, o nome de Aristóteles está estreitamente ligado. (MEYER, 2000b, p. XXXVIII)

Vê-se, portanto, que a paixão é expressão do que constitui o indivíduo, já que nas palavras supracitadas é o que exprime a individualidade e conduz ao exclusivo. Não há, portanto, oposição definitiva entre *páthos* e *lógos*. Ao contrário disso, como se verá, ambos são indicados como elementos que trabalham juntos para a realização da persuasão racional.

AS PAIXÕES COMO FERRAMENTAS DO ORADOR

Nos parágrafos precedentes reiteramos algumas vezes que o *páthos* é uma espécie de prova, um elemento presente no discurso que visa à persuasão. Então por que não poderíamos dizer que também seja uma ferramenta da qual o orador se dispõe para tocar sentimentalmente seu auditório? Parece-nos ao menos que é essa a ideia sugerida por Meyer quando afirma: “O que Aristóteles se dispõe explicitamente a mostrar em sua *Retórica* é que as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer” (MEYER, 2000b, p. XLI).

Temos condições de entender a lista de paixões que Aristóteles nos oferece na *Retórica*, se as considerarmos na maneira proposta acima, pois, de outro modo, não seria usual considerar a calma e a segurança como paixões. Só é possível quando levamos em conta que o *páthos* remete a “um estado de alma móvel” (MEYER, 2000b, p. XXXIV), um elemento a ser tocado – ou se preferirmos, movido – pelo caráter do orador no uso de seu discurso.

Aparentemente díspares, cólera, calma, temor, segurança (confiança, audácia), inveja, impudência, amor, ódio, vergonha, emulação, compaixão, favor (obsequiosidade), indignação, e desprezo possuem quatro princípios estruturais: (1) são representações e representações

de representações; (2) têm como objetivo determinar a identidade do sujeito relativamente a outrem; (3) fazem referência ao outro de acordo com seus atos (igualdade, superioridade, inferioridade); (4) contêm a ideia que o outro faz a nosso respeito.

A “cólera” é o reflexo da indiferença entre aquele que se entrega a ela e aquele a que se dirige, um brado contra a indiferença. A “calma” e a “tranquilidade” têm caráter paradigmático, porque também figuram a ausência da paixão; a “calma” é a aceitação de uma relação; a “tranquilidade” é a ordem passional. “Amor” e “ódio” representam dois opostos; enquanto o primeiro remete ao vínculo de identidade, o segundo remete à dissociação total de qualquer que exista, e ambos existem mediante a simetria. Por sua vez, a “segurança” e o “temor” são manifestações de distanciamento que obrigatoriamente pressupõem a assimetria, uma vez que não se confia, nem se teme o igual. “Vergonha” e “impudência” são reações à imagem que o outro faz de nós; a “vergonha” faz de mim inferior, a “impudência”, superior. O “favor” é, mais propriamente, uma resposta destituída de interesse; desse modo, deseja suprir a diferença assimétrica e restituir a igualdade que pressupõe necessária. “Compaixão” é o sentimento que existe diante da desventura dos homens. A indignação se assemelha à compaixão, com a diferença de que, enquanto a primeira conduz à aproximação, a segunda conduz ao distanciamento. “Inveja” e “emulação” são dirigidas a iguais; uma deseja tirar algo daquele que é seu alvo, a outra visa imitá-lo; o “desprezo” tende ao rompimento de relações.

Concluída essa descrição bastante resumida das paixões, podemos compreender por que o *páthos* é um estado móvel da alma, pois é também a sede onde as paixões se movimentam, de maneira que ao tocá-las permite-se que exista um “ajuste de distância entre os indivíduos” (MEYER, 2007b, p. XL), fazendo com que sejam dadas respostas (ainda que problemáticas) à questão, mesmo que esta se mantenha sublimada. Os sentimentos, quando

acompanhados pelo elemento racional (*lógos*), são elementos úteis para a persuasão de verdades plausíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão realizada a partir da leitura da *Retórica das Paixões* de Aristóteles, efetuada por Michel Meyer, sucessor de Chaïm Perelman na Cátedra de Bruxelas, parte da definição de Retórica como negociação da distância entre sujeitos, a qual se dá por meio da linguagem, tanto racional como emotiva. Após a restauração do espaço central da racionalidade na Retórica – como ansiava o estudioso francês Gérard Genette – e baseado nessa conceituação particular, o pensador belga consegue restaurar o espaço das paixões, conforme entende ser o projeto retórico original de Aristóteles.

Para realizar tal tarefa, Meyer vale-se de seu conceito de problematologia que está diretamente relacionado com a sua definição de Retórica. Esse modo de relacionar a retórica à negociação da distância propõe que as paixões sejam um elemento inerente à Retórica e não apenas um acessório, como se supunha anteriormente. Com o conceito de problematologia, Meyer acede à obra de Aristóteles e realiza uma leitura original desse texto clássico, fundamentando sua argumentação e contribuindo efetivamente para o processo de revitalização da Retórica que tinha se iniciado com Perelman.

No âmbito das definições de Meyer, baseado na compreensão de Aristóteles de que o *páthos* seja um estado móvel da alma, podemos então compreender que a contingência e alteridade podem ser inferidas na nossa reflexão sobre o texto de Aristóteles, pois são elas características de toda retórica que se quer viva, por assim dizer. Isso é, sem a contingência retornar-se-ia ao autoritarismo, ambiente no qual a Retórica não sobrevive. Sem a alteridade

perder-se-ia o aspecto comunicativo da Retórica e esta seria reduzida a floreio de linguagem, como outrora já aconteceu.

Todavia, nas propostas de Perelman e Meyer, a Retórica é ferramenta para persuasão pelo argumento plausível e instrumento para a diminuição da distância entre os diferentes, é elemento dialógico que, por excelência, intermedeia relações entre opostos que não calam os argumentos um do outro; nesse sentido, Retórica é sinônimo de racionalidade e, portanto, é imprescindível para a coexistência do ser humano em civilização.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhause Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COELHO, Fábio Ulhoa. Prefácio à edição brasileira. In: PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pp. XI-XVIII.

DUBOIS, Jean et al. *Retórica Geral*. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Duílio Colombini e Elenir de Barros, coordenação e revisão geral de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

GENETTE, Gérard. A retórica restrita. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Tradução de Leda Pinto Mafra Irusan. Petrópolis: Vozes, 1975. pp. 129-146.

GENETTE, Gérard. *Figuras*. Tradução de Ivonne Floripes Mantoanelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

MEYER, Michel. *A Retórica*. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Editora Ática, 2007a. (Série Essencial).



MEYER, Michel. *Questões de Retórica: Linguagem, Razão e Sedução*. Tradução de Antônio Hall. Lisboa: Edições 70, 2007b.

MEYER, Michel. *Por una Historia de la Ontología*. Traducción de Fernando Gonzalez del Campo Roman. Barcelona: Idea Books, 2000a.

MEYER, Michel. Prefácio. In. ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

MEYER, Michel. *Problematologia: filosofia, ciência e linguagem*. Tradução de Sandra Fitas. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Apresentação. In: MEYER, Michel. *A Retórica*. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Editora Ática, 2007. pp. 9-18. (Série Essencial).

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de Argumentação: A nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERELMAN, Chaïm. *El Imperio Retórico*. Retórica y argumentación. Traducción de Adolfo León Gómez Giraldo. Barcelona: Grupo Editorial Norma, 1997.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: História, teorias, perspectivas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Coleção: Na ponta da língua, 21).

Envio: Maio de 2020
Aceite: Junho de 2020